

PREFÁCIO

A série de artigos que se seguem, compondo o segundo número da Revista NUPEART dão conta da diversidade que o próprio Núcleo Pedagógico de educação e Artes apresenta: desde artigos de caráter teórico até relatos de experiências concretas que dão conta do dia-a-dia de professores e alunos em sala de aula. Diversidade temática também já que nesta Revista encontramos depoimentos relativos a experiências em áreas específicas do campo artístico, assim como artigos de fundo referentes à multiculturalidade e pluralidade étnica, além da reflexão sobre o ensino da arte de um modo geral. É com esta última aliás que se abre a revista.

Em seu artigo de abertura a Professora Sandra Ramalho discute a relação entre leitura de obra e produção artística no processo de aprendizagem da arte. Faz um percurso histórico da arte-educação partindo da educação artística polivalente até a separação nas especializações por área, que ela considera merece ser reconsiderada, pois estaria resultando numa prática empirista e gerando frustrações já que os verdadeiros talentos são sempre raros. Entende a professora que a escola regular não seria o espaço da produção artística, mas sim o da formação de conhecedores da arte. Formação esta que deve ser abrangente, numa perspectiva transdisciplinar e não específica. Assim, o ensino da arte na escola deve ser visto como espaço do conhecer, do entendimento da arte, como um processo dinâmico de aprendizagem estética, onde a “leitura” da obra de arte é compreendida como um caminho também de criação.

No corpo desta própria Revista encontramos distintos relatos de experiência que vão nos permitir avaliar o alcance das reflexões iniciais da professora Sandra Ramalho. Silvana Hueblin, por exemplo, nos mostra de maneira simples e efetiva como a prática interdisciplinar pode determinar um rico processo de criação para alunos em sala de aula, desde que se consiga integrá-los em torno de um projeto comum. Elementos musicais circenses, trabalhados dentro de uma proposta de criação interdisciplinar, envolvendo além da música as artes cênicas e as artes plásticas, levaram as crianças a se envolverem numa atividade lúdica e criativa. O resultado foi ainda mais abrangente, indo muito além do conteúdo específico das artes: abriu-se caminho para uma vivência de integração no trabalho em grupo, do respeito mútuo e conquista da auto-estima.

Outras experiências que revelam práticas e resultados dentro da escola ou no espaço acadêmico do próprio Centro de Artes nos mostram outras perspectivas desta discussão. No artigo da professora Cláudia de Holleben nos é permitido conhecer todos os passos da atividade que realizou em sala de aula, tomando como estímulo inicial sua própria prática de criação, buscando despertar na criança o conhecimento de elementos fundamentais para as artes plásticas: o ponto, a linha e o volume. A professora Cláudia levou as crianças a reconhecer estes elementos no mundo que as cerca, estimulando-as, com jogos criativos e alegres, a fazer uso destes mesmos elementos em criações próprias. Além disso, levou-os a identificar os mesmo elementos em obras de artistas reconhecidos. A metodologia triangular descrita revela aqui suas amplas possibilidades de aplicação a partir da busca de uma prática estimulante, plena de aspectos lúdicos. Por sua vez, Julie Cristie Knabben, acadêmica do curso de artes cênicas, descreve as etapas de aplicação de exercícios com

sombras até a realização de pequenas narrativas construídas pelas crianças a partir das sombras criadas em função dos estímulos dados, desta vez num espaço extra-classe, na oficina de artes cênicas do projeto de extensão do NUPEART.

Ainda, a professora Regina Finck nos faz relato de outra experiência, de caráter mais específico, e resultante de um trabalho de pesquisa, realizada com crianças na busca de ampliar a discussão sobre a cognição musical, área em que, ela nos informa, verifica-se grande carência de pesquisas. Vamos acompanhar então como, a partir de exercícios de apreciação e execução musical, chega-se à produção de pequenas “obras”, com instrumentos variados, em geral percussivos. Passa-se, afinal, à notação musical pelas próprias crianças, baseada em representação gráfica dos tipos de instrumentos e sons produzidos.

Não são apenas os alunos o foco de discussão dos artigos aqui incluídos, mas também o professor, sua formação e prática são questionados. Em seu artigo escrito num tom mais pessoal, a professora Tânia Regina Unglaub parte de suas próprias vivências enquanto professora e dos sentimentos experimentados na relação com seus próprios alunos. A autora defende a necessidade de se reconhecer toda a experiência anterior junto com a formação teórica como elementos que integram o processo formativo docente. O passado vivenciado pelo professor, sua própria história de vida enquanto aluno e a recuperação desta memória são vistos como alguns dos elementos constituidores (nem sempre de modo consciente) de sua metodologia e prática de ensino.

Ainda, tomando como foco a formação do professor, o artigo de Maria Aparecida Clemêncio nos conduz por todo um outro caminho de reflexão,

no alerta que faz quanto ao descaso ou o silêncio habitual frente à diversidade étnica existentes nas escolas. No seu entender, o papel do professor é formar-se para reconhecer e lidar com esta diversidade, assumindo consciência da cultura hegemônica em que se encontra inserido, para poder questioná-la em sua prática cotidiana. Para que isso aconteça, nos diz a autora, é importante que seja incluída na própria formação do professor a discussão sobre as distintas culturas que vão constituir o meio em que trabalha. Que seja repassado a ele o reconhecimento do valor de cada um dos grupos étnicos constituidores de nossa cultura, no conhecimento de sua história, prática, formação e expressão. Só assim o professor terá instrumentos para lidar de maneira aberta e estimulante, em sua prática diária frente a seus alunos.

Dentro desta perspectiva enquadra-se o trabalho do Programa Africatarina, que vem atuando em diversos locais da grande Florianópolis e fazendo uso de diferentes modalidades artísticas, do teatro à dança, da capoeira à música e ao canto. O Programa tem como objetivo ressaltar a expressão de raiz afro que compõe a riqueza cultural e étnica brasileira. A professora Fátima Lima faz um relato sucinto dos caminhos vividos ao longo destes poucos anos de existência, onde as ações do projeto, inicialmente restrito a um pequeno grupo e a alguns locais, ampliaram-se dando origem a um programa abrangente, envolvendo múltiplas ações em significativo número de locais.

Outra abordagem que procura trabalhar com elementos excluídos em nossa sociedade diz respeito ao aluno portador de necessidades especiais, conforme o relato do estágio de artes plásticas apresentado por Morgana Tesman, acadêmica do curso de artes plásticas. O texto nos

faz conhecer a seqüência das atividades realizadas, as estratégias utilizadas para a “conquista” dos alunos até o detalhamento das atividades desenvolvidas em suas várias etapas, que permitiram a participação do aluno portador de NEE, que vinha de permanente prática de exclusão. Diante dos estímulos oferecidos, ele pode se integrar à atividade do grupo, exercendo função reconhecida em seu meio, fator importante para sua auto-estima e ao mesmo tempo para o reconhecimento de suas potencialidades por parte do grupo.

Finalmente, completando o caráter abrangente e múltiplo desta publicação, o professor Valmor Beltrame nos apresenta um resumo de sua dissertação de Mestrado, onde discute os preconceitos que nortearam a relação dos estudiosos sobre o teatro de bonecos no Brasil, vendo-a como arte para crianças ou vinculada ao folclore. Suas reflexões procuram fazer um apanhado dos princípios fundamentais da arte do bonequeiro, visto como um ator integral que tem como principal instrumento seu próprio corpo, com uma linguagem singular de características específicas frente aos demais atores, mas que está longe de ser um simples manipulador de bonecos.

Mara Rúbia Sant’Anna
Maria de Fatima Moretti
Teresa Mateiro